



Luciano Zucco

Apocalipse gaúcho

O Rio Grande do Sul terá que recomeçar do zero. De verdade, estamos vivendo a pior catástrofe da nossa história, a maior crise meteorológica de todos os tempos. As cidades e comunidades que até poucos dias atrás conhecíamos já não existem mais. Milhares de pessoas estão fora de suas casas, gente ilhada, desaparecida e muitos mortos. É um quadro desolador. Não tem água, não tem luz, tampouco internet. A infraestrutura ruiu. Os próximos dias serão desafiadores. Assim como as pessoas, os animais também estão sofrendo muito.

Simplemente, não temos como sair dessa situação sozinhos. As forças da natureza foram implacáveis pelo segundo ano consecutivo. Mal conseguimos nos recuperar da tragédia do ano passado e vem outra paulada ainda maior. Tudo está destruído novamente. Precisamos da ajuda de todos os governadores, empresários, artistas, enfim, uma corrente nacional de solidariedade. Precisamos de todas as instituições neste momento, sem exceção. É uma chuva milenar, um volume de águas que não consigo descrever para vocês, só mesmo as imagens feitas pe-

Deputado federal
redacaojg@grupposinos.com.br

los celulares para dar alguma dimensão do que estamos vivendo.

Não temos mais agricultura, indústrias foram destruídas, hospitais fechados por falta de condições de atendimento, estradas varridas do mapa. Como uma sociedade pode se reerguer dessa forma? Somente com o apoio e medidas tão extraordinárias como as chuvas que castigaram os gaúchos. Portanto, deixo como sugestão a decretação de uma moratória temporária do pagamento da dívida do Estado com a União. A situação é muito crítica e não há tempo a perder.



Silvia Regina Becker Pinto

Acordo de não persecução penal e violência

O acordo de não persecução penal (ANPP) é instituto recente em nossa legislação processual penal. Veio com o pacote anticrime.

Por ele, mediante condições, em crimes não praticados com violência, é possível que o autor de um fato delituoso confesse o delito, assuma a obrigação de repará-lo e se veja livre de uma ação penal. Repare que uma das condições do ANPP é a de que o crime não seja cometido com violência. O artigo 28-A do CPP proíbe qualquer

acordo nesse caso. Mas a questão que se coloca é a de saber de que tipo de violência o legislador está falando, se dolosa ou culposa.

Em termos práticos, por exemplo, o ANPP se aplica aos homicídios culposos (sem a intenção), sejam os do Código Penal, sejam as do Código Nacional de Trânsito? Se sim, isso equivale a dizer que todos aqueles que, por imprudência, imperícia ou negligência, produzirem a morte de alguém, seja ou não na condução de veículo

Advogada e professora
silvia@beckeresantos.com.br

automotor, poderão se beneficiar do ANPP, para não serem processados criminalmente.

Para responder o questionamento acima, há duas correntes bem distintas, uma que defende que a violência de que trata o artigo 28-A do CPP está na ação, e não no resultado (violento); outra que sustenta ser incabível o acordo caso haja violência na ação ou no resultado. Aquela que será prevalente nos Tribunais, ainda não se definiu completamente.

Escritora e celebrante de casamentos
nanaviecelebrante@gmail.com



Nana Vier

Adoráveis seres peludos

Ah, os cachorros, esses adoráveis seres peludos que nos enchem de alegria com sua presença! Ter um cachorro em casa é como ter um raio de sol constante, iluminando nossos dias com sua energia contagiante e amor incondicional. Em um mundo repleto de correrias e estresses, os cachorros são mestres em nos ensinar a arte da gratidão pelo presente. Eles não se preocupam com o futuro ou se lamentam pelo passado; vivem no aqui e agora, celebrando cada momento com toda a sua alma. Essa capacidade de viver o momento presente é um verdadeiro bálsamo para nossas almas ansiosas, lembrando-nos de que a verdadeira

felicidade reside na simplicidade do momento presente.

Além disso, os benefícios físicos e emocionais de se ter um cachorro são inúmeros. Estudos científicos comprovam que a interação com esses animais pode reduzir os níveis de estresse, ansiedade e depressão. Apenas acariciar um cachorro pode acionar a liberação de hormônios do bem-estar, como a ocitocina e a dopamina, trazendo uma sensação de calma e felicidade. Mas os cachorros não são apenas terapeutas peludos; são também companheiros de aventuras e cúmplices de travessuras. Quem já não se pegou sorrindo ao ver seu cachorro corren-

do em sua direção ao chegar em casa depois de um longo e estressante dia de trabalho? Suas peraltices nos lembram da importância de não levar a vida tão a sério. Aqui em casa, temos cinco cachorros que diariamente nos ensinam sobre responsabilidade, compaixão e empatia.

Se tu ainda não tens um amigo peludo em tua vida, lembre-se que há um universo de amor e alegria esperando por você na forma de um simpático cão de estimação que irá iluminar teus dias com presença calorosa e te lembrar de que, no final das contas, o amor é a linguagem universal que une todas as criaturas do mundo.

Nestor Luiz Trein

Profissão cargo
nestorluiztrein@gmail.com



Parábola do trem

Pois vocês certamente conhecem a parábola judaica, quando a Mentira sorratamente põe as vestes da Verdade, após convencê-la a se banhar nua no rio. A Verdade se negou a vestir as vestes da Mentira e saiu nua a caminhar, na certeza que nenhum constrangimento seria pior do que vestir-se com a Mentira.

Ao ler uma publicação da Alice Bemvenuti, diretora do Museu do Trem, em homenagem aos 150 anos da saída em 14 de abril de 1874 do primeiro trem na estação de São Leopoldo, fica-se sabendo, que no ano de 1950 (quando eu nasci), o transporte ferroviário foi responsável pela entrega de 672.299 sacas de trigo, 326.927 unidades de couro salgado, 103 caixas de vinho, complementado via fluvial de 2.782 sacas de trigo e 458 couros salgados.

Esta era a forma de movimentar nossa economia

gaúcha, até vir a Mentira, incentivada por governos estrangeiros, em troca de respaldo a tomada do poder ditatorial no Brasil em 1964, cobrindo com suas vestes nossa malha ferroviária com a maior "atochada" de que o transporte rodoviário era a redenção.

Lembram-se do "sem caminhão o Brasil para"? Pois é, deu no que deu. Bilhões de dólares para produtores e intermediários do petróleo, uma malha viária sem as mínimas condições de estrutura, fretes altíssimos, acidentes ceifando vidas e destruindo famílias, etc e etc.

Por isto, concordo com a opinião sempre brilhante neste espaço, de Cláudio Brito, quando afirma, fazendo coro a campanha da ARI: Duvidar para saber a verdade. Pois esta, embora tardia, embora nua pelo embuste dos mentirosos, está a provar que as parábolas se repetem.

Angela Berthon

Jornalista
angelaberthon@terra.com.br



Quanto vale uma vida?

O incêndio da pousada em Porto Alegre, que vitimou pessoas em casos de vulnerabilidade social e deixou feridos, traz à tona um problema já vivenciado no Estado. A causa do incidente ainda não foi determinada, mas, segundo os Bombeiros, o estabelecimento não tinha alvará para funcionar como hospedagem ou plano de prevenção contra incêndio.

Popularizado depois do incêndio da boate Kiss, PPCI é uma obra de ficção em boa parte em nosso Rio Grande. Tragédias como estas na pousada da Avenida Farrapos, em Porto Alegre, nos obrigam a olhar para o futuro escaneando o passado para identificar o conjunto de falhas que criou o cenário para o incêndio. Foi assim no caso da Kiss, com seus 242 mortos, na tragédia coletiva onde nunca vamos esquecer. Como nos acidentes com aviões, é um conjunto de erros ou omissões somados que explica o sinistro. A is-

so não se pode chamar de fatalidade e sim imprudências que devem ser apuradas com mais rigor.

O caso ilustra a importância do cumprimento das normas de segurança e prevenção em empresas. Além de haver protocolos obrigatórios para operações comerciais, treinamentos e boas práticas podem reduzir os riscos e a gravidade de incidentes. Tanto o incêndio em Porto Alegre quanto em Santa Maria, ocorreram em locais sem que o poder público tenha avalizado o funcionamento seguro. Para além da punição criminal dos envolvidos, ambos os casos lembram que o poder público vem fazendo pouco para evitar a tragédia.

Enquanto isso, seguimos reduzindo biografias às cinzas, sem que os agentes públicos sejam realmente incomodados devido ao limbo de responsabilidades. Afinal para o Poder Público quanto vale uma vida?

Sinovaldo

www.sinovaldo.com.br sinovaldo@sinos.net



Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente. Artigos podem ser enviados para redacaojg@grupposinos.com.br.



Leia mais artigos em
abcmma.com